

**MEMÓRIAS DO PROFESSOR DE PRAGA:  
CONTRIBUIÇÕES DE VILÉM PARA A COMUNICAÇÃO DE INTERESSE  
PÚBLICO<sup>1</sup>**

**MEMOIRS OF THE TEACHER FROM PRAGUE:  
VILÉM'S CONTRIBUTIONS TO PUBLIC INTEREST COMMUNICATION**

Rosana Faber<sup>2</sup>

**Resumo**

A característica multifacetada de Vilém Flusser é a principal motivação para a redação deste texto, que pretende detalhar a abordagem utilizada na elaboração de pesquisa sobre refugiados do nazifascismo no Brasil no século XX. Trataremos também a respeito de um dos produtos resultantes desta pesquisa, sua motivação, elaboração e resultados: a redação e produção de um audiolivro sobre Vilém. Nossa busca aprofundou-se na literatura produzida sobre o pensador e em suas obras, além de acervos e hemerotecas. Ao retomarmos e compartilharmos essas biografias, as desumanidades do nazifascismo são lembradas e discutidas, contribuindo com a redução do risco de reincidência de posturas baseadas em políticas autoritárias.

**Palavras-chave:** Memória. Refugiados. Biografia. Interesse Público. Audiolivro.

**Abstract**

The multifaceted characteristic of Vilém Flusser is the main motivation for the writing of this text, which intends to detail the approach used in the elaboration of research about refugees from nazifascism in Brazil in the 20th century. We will also discuss about one of the products resulting from this research, its motivation, elaboration and results: the writing and production of an audiobook about Vilém. Our search went deeper into the literature produced about the thinker and into his texts, as well as collections and newspapers. When we return to and share these biographies, the

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (GT Diálogo, Discurso e o Outro na Comunicação), do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Mestre em Inovação da Comunicação de Interesse Público, Universidade Municipal de São Caetano do Sul – SP. E-mail: [farol@uol.com.br](mailto:farol@uol.com.br).

inhumanities of nazifascism are recalled and discussed, contributing for the reduction of the risk of attitudes based on authoritarian policies recurrence.

**Keywords** Memory. Refugees. Biography. Public interest. Audiobook.

### **Introdução**

No dia 15 de março de 1939, Vilém Flusser tinha 19 anos. O então estudante de Filosofia da Universidade Carolina de Praga estava prestes a ter que refugiar-se. Naquele dia, Adolf Hitler entrou de forma solene em Praga, com seu séquito de soldados louros e sua frota de carros luxuosos, acompanhado por uma orquestra contratada para tornar grandiosa a invasão disfarçada de festa política. A perseguição aos judeus na Tchecoslováquia, pontuada pela independência dos eslovacos e a ocupação pelos alemães da região dos sudetos, alavancou a partida do jovem junto à família de sua noiva, Edita Bartová. Vilém foi forçado a deixar sua família em Praga, em parte porque o seu pai, o professor Gustav Flusser, não acreditava que Praga estivesse tão dominada a ponto de ele ter que abandonar suas aulas ou deixar de exercer seu papel como ativista.

Muito além da multifacetada trilha profissional e intelectual que Vilém Flusser percorreu nos países em que viveu, está a sua própria biografia. Em recente pesquisa sobre refugiados intelectuais da Segunda Guerra Mundial no Brasil, mandatória para tema abordado em dissertação de Mestrado, e em meio às variadas trajetórias dos tantos sobreviventes das agruras perpetradas pelos praticantes da política nazifascista, chegamos ao visionário pensador. No eixo da comunicação de interesse público, nossa pesquisa tinha o objetivo principal de reconstituir trajetórias de vida desses intelectuais, retirando-os do esquecimento social por meio de ações de comunicação. Tais ações podem, segundo Costa (2006), “difundir, influenciar, criar ou mudar comportamentos individuais e coletivos” (Costa, 2006, pp. 20-21). Tendo em vista principalmente o cenário de recrudescimento de posturas de racismo e xenofobias, nossa conclusão foi centrada na relevância da aplicação das ações de difusão de comunicação.

Como outra motivação que tínhamos referia-se a projetos de voz, foi desenvolvido um texto de narrativa ficcional, mas com base nos fatos biográficos de Flusser, e na sequência produziu-se gravação de tal texto no formato de um audiolivro. Outros legados e trajetórias foram manifestados por meio de outros produtos comunicacionais, entretanto o presente trabalho aprofunda-se nos processos e em metodologias utilizadas para a pesquisa e nas contribuições do filósofo registradas no audiolivro.

Para esta pesquisa foi fundamental a imersão na literatura existente sobre o pensador. Acesso às suas anotações e obras, produzidas de forma intensa durante toda sua existência, também foi um passo metodológico importante, de forma a entender seu cotidiano, suas inspirações, o “fantasma” do autoextermínio, seu relacionamento com os alunos e os tempos do terraço, seu desgosto com as limitações causadas pelos rótulos ideológicos. O delineamento bibliográfico e narrativo foi, inclusive, relevante para o detalhamento do cotidiano ficcional contido no texto que foi gravado em audiolivro.

O filósofo e professor não acreditava que biografias fossem uma cronologia de vida, mas sim, um “rol de redes”. O fluído gerado pelo fluxo de experiências dessas redes em que Flusser acreditava, como relatado por Finger (2008, p. 13), é evidência importante do resultado de atingimento ao público que buscamos por meio dos produtos comunicacionais. Migrar os legados e trajetórias da esfera privada do professor Flusser para a pública, ao povo carente de memórias e, por isso, muitas vezes ignorante nas ações do presente, configura-se, portanto, em ação relevante de comunicação de interesse público.

### **Um contexto**

Flusser qualificou sua origem como privilegiada, o que só pode ser identificado posteriormente. Em *Bodenlos – Uma Autobiografia Filosófica* (2007) declarou que:

Entre as guerras Praga foi centro de cultura tcheca nova . . . , da vida cultural judaica européia [*sic*], e de uma tendência da cultura alemã . . . . As três culturas se fertilizavam mutuamente por lutas e colaborações e isto provocou tremenda riqueza de idéias [*sic*] . . . Crescer-se em tal ambiente . . . , participar

dela ativamente desde a puberdade, . . . e revelou-se situação privilegiada muito mais tarde. (Flusser, 2007, pp. 24-25)

Os moradores de Praga sentiam-se, como se pode constatar pela citação acima, no centro do mundo. A questão de identidade nacional é uma constante em *Bodenlos*, sobretudo no capítulo 2. “Pois isto é o sintoma do estar-se abrigado: tomar-se como centro do mundo. . . Praga, isto é a realidade, e como pode desaparecer a realidade?” (Flusser, 2007, pp. 30-31).

Talvez esteja nessa raiz de todos os praguenses a explicação para o espanto e até descrédito ao episódio da chegada de Adolf Hitler à Praga em março de 1939, quando Vilém considerou “. . . de um ridículo! – e quem é esse homenzinho?”, conforme depoimento de sua amiga Maria Lilia Leão ao autor Ricardo Mendes. (Mendes, 2000, n.p.)

Conforme mencionado, a trajetória de Flusser e de outros intelectuais refugiados da Segunda Guerra no Brasil foi tema de dissertação de mestrado com foco em suas contribuições na comunicação de interesse público. Assim sendo, discorreremos sobre diversas biografias, e buscamos trazer delas lições possíveis de serem aprendidas e aplicadas diante das atitudes xenofóbicas e comportamentos autoritários, que constatamos diariamente por meio das mídias locais e globais. Afora nosso interesse na relevância da obra e legado de Vilém Flusser, examinar questões como a personalidade de Vilém, suas angústias, o amor pelo Brasil, entre outras, corrobora com a compreensão das temporalidades.

Na Europa, os refugiados sofreram a perseguição contumaz dos perpetradores das políticas nazifascistas e o pavor resultante da ameaça constante da destruição de suas casas e vidas. Para a pesquisa citada investigamos de forma mais atenta as trajetórias dos refugiados intelectuais que muitas vezes, especialistas que eram em suas respectivas áreas em seus países de origem, quando aqui chegaram foram convocados por escolas, jornais e editoras brasileiras para aproveitamento e aplicação de seus conhecimentos.

Esses personagens buscaram sua sobrevivência e a de suas famílias após verem enfatizadas as ações de perseguição dos executores das políticas nazifascistas na Europa. Após a ascensão de Adolf Hitler, em 1933, a escalada do poder nazista foi um crescente de maldades legitimadas por normas que excluía, prejudicavam e puniam cidadãos judeus,

como as Leis de Nuremberg, promulgadas em setembro de 1935. O antissemitismo, que nasceu e cresceu nos anos seguintes ao surgimento do Cristianismo, firmou-se como estrutura nas instituições alemãs. Posicionava-se cada vez mais claramente o arianismo, como os rostos que Hitler ambicionava vislumbrar dia e noite, primeiramente na Alemanha, depois na Europa, depois no mundo. Eventos como a *Noite do Boicote*, em que nazistas conclamaram a população a não adquirir itens dos comerciantes judeus, acusando-os de críticos ao regime; ou o mais emblemático episódio da queima de livros em maio de 1933, que ocorreu simultaneamente em diversas cidades da Alemanha, quando Hitler queria fazer uma “limpeza”, eliminando autores que escreviam obras contra o nazismo. A *Noite dos Cristais Quebrados*, ou *Kristallnacht*, na madrugada do dia 9 para 10 de novembro de 1938, também ficou conhecida como marca da violência que assombrou os judeus.

Em março de 1938, a Alemanha anexou o território austríaco. No início de 1939, três meses antes da invasão à Tchecoslováquia, Hitler anunciou, em discurso ao parlamento alemão que foi transmitido por rádio para o mundo todo, que uma guerra significaria a “destruição dos judeus da Europa”. No primeiro dia de setembro, a entrada dos nazistas na Polônia com 2.700 tanques marcaria o início da Segunda Guerra Mundial. (Carneiro & Mizrahi, 2018, p. 350).

### ***Bodenlos: Flusser por Flusser***

Pouco depois, no dia 15 de março de 1939, o jovem estudante Vilém Flusser observou com assombro a entrada imponente das tropas nazistas em sua cidade.

Em *Bodenlos* (2007, p. 35), o autor reflete o desespero e a desesperança causados pelo episódio, assim como o impacto nos cidadãos de Praga: “Os amigos tchecos estavam perdendo a sua liberdade e todo o futuro significativo, e estavam desesperados. Mas o solo fundante, Praga, continuava intacto, e a sua tarefa era preparar-se para a luta árdua e longa contra os nazistas”. O anacronismo em Praga - entre outros atributos - pautava a descrença dos tempos sombrios vindouros:

Mas existencialmente não se tomava conhecimento disto [do anacronismo]. Praga, isto é a realidade, e como pode desaparecer a realidade? Os nazistas que se aproximam, e os chineses que se concentram no além do horizonte, isto é que é fantasia. Diante da realidade eterna dos muros de Praga, se dissolverá tal fantasia. Praga é eterna. Se ela desaparecesse, desapareceria tudo. (Flusser, 2007, p. 28)

Flusser relata exatamente o momento em que deixar seu país se torna a única alternativa possível, de quando se tornou um animal “acossado”, procurando por respostas em sua história de vida, no seu conhecimento adquirido, sem entretanto descobrir um significado mais profundo para aquele contexto pessimista. Tinha a sua fé destrocada, e entendia claramente que a decisão para deixar a cidade “... equivalia ao sacrifício da dignidade em prol da sobrevivência do corpo”. A fuga seria perigosa, mas “que quer dizer ‘perigo’ em face da morte praticamente certa?” (Flusser, 2007, p. 32)

Seus pais, Gustav Flusser, catedrático professor das disciplinas de matemática e física da Universidade Carolina de Praga, e Melitta Basch, musicista e cantora, decidiram – crédulos de tempos melhores – permanecer no país. Flusser tinha ainda uma irmã mais nova, Ludvika.

Tomada a decisão, Flusser, a noiva Edith e a família dela foram para Londres. Lá trabalharam: ele como compositor, enquanto cursava a *London School of Economics*, e ela, como enfermeira em um hospital local. A guerra e os nazistas começaram a dirigir-se para onde estavam – foi quando conseguiram vistos para o Brasil.

A viagem partindo de *South Hampton* ocorreu em meio ao medo de ataques dos países do Eixo. Em entrevista à autora Anke Finger (2008, p. 23), Edith afirmou que o percurso foi feito na mais completa escuridão, para que a embarcação não chamasse atenção dos inimigos. Contou ainda que, ao chegar aqui, Vilém recebeu a pior das notícias: seu pai havia sido assassinado no campo de concentração em Buchenwald:

O mesmo céu cobre Praga e São Paulo. Ambas as cidades estão inseridas no mesmo espaço impregnado pela mesma guerra. ... A notícia da execução do pai espera o navio nas docas do Rio de Janeiro, e em Praga começam as primeiras deportações maciças. Mas em São Paulo se fazem as primeiras

preparações para a futura industrialização nascida dos lucros da guerra. A agonia de Praga coincide com a puberdade de São Paulo: choque de dois tempos. (Flusser, 2007, p. 39)

Cidadãos e cidadãs como Flusser e Edith, sua esposa, provenientes de diversos países europeus aqui chegaram à procura de sobrevivência própria e de suas famílias. O sentimento de desopressão, de alívio pela chegada no país que abrigaria os refugiados e os seus parentes, no entanto, não era completo. Cercavam-nos a ameaça da perseguição também no Brasil, motivada pela política nacionalista do governo à época, que tinha à frente Getúlio Vargas. Conforme Perazzo (2009), estudos demonstram que

esse grupo vivenciou alterações em seu cotidiano, discriminado pela prática de suas tradições culturais, empreendimentos econômicos e sociais. Os cidadãos do *Reich* – vigiados, perseguidos e encarcerados – passaram a ser tratados como ‘indesejáveis’ do regime.

A perseguição aos alemães . . . pouco teve a ver com os destinos da guerra. . . Foi a partir do alinhamento do governo aos Aliados que a ‘questão alemã’ no Brasil recebeu novos contornos e implicações . . .(Perazzo, 2009, p. 350)

Não obstante o cenário sem quaisquer promessas de alívio, buscaram refazer suas vidas, rotinas e retomar os projetos interrompidos em seus respectivos lares. Assim ocorreu com o então administrador dos negócios da família Vilém Flusser, que, somente após quase vinte anos do desembarque no Rio de Janeiro, decidiu agir em prol de seu objetivo antigo de dedicar-se à filosofia como profissão. Embora já houvesse lido e escrito efusivamente sobre o tema, nada havia feito de efetivo. Chegou ao seu conhecimento a existência de uma instituição voltada aos estudos da ciência da filosofia: o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF). Literalmente sem avisar, bateu à porta do instituto, foi recebido por um de seus fundadores, Vicente Ferreira da Silva, e a ele contou toda sua história, passando a participar da programação e dos trabalhos do instituto. Foi por estar presente nas rodas de discussões junto aos membros do IBF, e em seguida em redações de jornais, em salas de aula e de conferências, que Flusser foi se tornando cada vez mais conhecido.

A filosofia fazia parte de seu cotidiano doméstico também: no terraço de sua casa, reuniu por anos amigos, pesquisadores e curiosos, promovendo a troca de ideias, discutindo memórias da época da então Tchecoslováquia, gerando conhecimento e contribuindo grandemente para a comunicação e cultura no Brasil. No entanto, a filosofia não foi seu único assunto: discutiu, escreveu e ensinou sobre fotografia, linguagem, história, matemática, consumo, design, arte, ciência, história, turismo, entre tantos outros.

É muito possível que a maior e mais relevante contribuição de Flusser aos brasileiros tenha sido aos ávidos estudantes que lotavam as salas de aula de instituições de São Paulo, como a FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e USP (Universidade de São Paulo). “Sem diploma, apenas com a cara, a coragem, e o saber acumulado de maneira autodidata”, escreveu Gustavo Bernardo (2007), no prefácio de *Bodenlos*.

### **Lições não (ou mal) aprendidas**

Conquanto tantas maldades passadas pudessem ser evitadas no presente, o crescimento de organizações neonazistas e seus seguidores têm aumentado no Brasil e no mundo. Com muita frequência, leem-se manchetes como “Na Alemanha, neonazista suspeito de campanha de ameaças é detido”<sup>3</sup> (2021). A reportagem da AFP (*Agence France Presse*), veiculada no Brasil pelo periódico *Estado de Minas*, relata que um desempregado de 53 anos, já condenado anteriormente por crimes atribuídos à extrema direita na Alemanha, foi preso após ter enviado mais de cem cartas contendo ameaças a figuras públicas que se posicionam contra o racismo e o antissemitismo.

Quando começou a estudar o neonazismo no Brasil em 2002, a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias (Brito, 2021)<sup>4</sup> encontrou poucas e pontuais células e organizações que

---

<sup>3</sup> Na Alemanha, neonazista suspeito de campanha de ameaças é detido (2021). Disponível em: <https://bit.ly/3B5ihBV>.

<sup>4</sup> Um século após ascensão de Hitler, neonazismo se espalha pelo Brasil (2021). Disponível em: <https://bit.ly/3BmdyMz>

buscavam textos hitleristas. Todavia as instâncias foram se avolumando e, em 2021 a autora relata a existência de pelo menos 530 grupos que incentivam e defendem o nazifascismo. A autora entende que o incremento no país pode ser contextualizado pela propalação, também perceptível, dos discursos de ódio proferidos por membros do governo. Dias faz a ligação com a atualidade: “Percebemos que as falas de [o presidente do Brasil] Bolsonaro ecoavam de forma agressiva em neonazistas, fazendo com que as células chamassem a atenção de mais pessoas e crescessem. . . Por isso, temos hoje um quadro preocupante no Brasil”. (Brito, 2021, n.p.)

A análise da autora reflete uma preocupação cada vez maior de especialistas com relação ao recrudescimento de posturas autoritárias, xenófobas e racistas. Seu posicionamento é ainda de que o “crescimento de ideais hitleristas pelo planeta é resultado de problemas mal resolvidos no século XX”, e que “estamos muito semelhantes à década de 1920, com a popularização de movimentos totalitários, que usam o medo do comunismo como ferramenta para assustar a população”. (Brito, 2021, n.p.)

A Alemanha sofre igualmente com esta pendência da humanidade de ausência de solução dos problemas. As questões em aberto resultantes do genocídio contra os judeus mostram-se escancaradas na ocorrência de tantas notícias sobre as células neonazistas, suas manifestações e ataques.

Paradoxalmente, os ataques à democracia e civilidade ocorrem justamente no cenário da Alemanha, onde foi consolidada e onde valoriza-se uma memória cultural composta de elementos como museus, memoriais, filmes e livros. Ademais, currículos escolares regulares do país contêm grande quantidade de informação sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre a estrutura política da época de Hitler e o extremismo de direita. Para Seligmann-Silva (2008, p. 66), adequa-se a estratégia do *lembrar para não esquecer* [ênfase adicionada], visto que a memória contada pelos sobreviventes viabilizam a construção de uma “ponte”, um acesso para aqueles que não sofreram nos campos de concentração.

Embora constitua tarefa árdua, a ação de testemunhar, falar sobre os traumas e traduzir as cenas terríveis que protagonizaram para aqueles que não estavam lá funciona, segundo o autor, como uma transposição, uma transferência de experiência – assim como exerce influência na relação do sobrevivente com seu padecimento facilitando o que o autor chama de “. . . religamento ao mundo, de reconstrução da sua casa . . .”. (Seligmann-Silva, 2008, p. 66)

### **A questão do interesse público**

Conforme o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (2008), traduzir para o cidadão comum a linguagem especializada é possibilitar a independência da esfera pública. O autor discutiu sobre este e outros aspectos ao criar o modelo *two-track*. Refletia que a linguagem comum – usada pela periferia - deveria ser traduzida para a esfera do poder público, para que esta fosse influenciada, e que, na outra via, a linguagem especializada deveria ser interpretada para que fosse considerada pela periferia. Assim sendo, o autor infere que o Estado absorva as questões levadas pela massa (a periferia é mais sensível para o entendimento das necessidades reais e identificação dos problemas) e utilize a normatização para viabilizar e legitimar soluções exequíveis:

a comunicação política mediada na esfera pública pode facilitar processos de legitimação deliberativa em sociedades complexas somente se adquire independência com relação a seu ambiente social, e se houver um *feedback* entre o discurso informado da elite e uma sociedade civil responsiva. (Habermas, 2008, p. 9)

As vozes caladas pelo luto decorrente do demasiado sofrimento causado pelo holocausto desamparam as futuras gerações na comparação com a atualidade. Diante do recrudescimento de posturas autoritárias, xenófobas e racistas, a memória exerce um papel importante para que os relatos de vida dos refugiados e seus legados se façam presentes na história, ocupando espaços que arriscam-se a ser preenchidos por indivíduos e grupos assumidamente extremistas. Transmitir essas lembranças, deslocando-as da esfera privada

para a pública reflete a larga responsabilidade dos personagens que vivenciaram a experiência do refúgio decorrente do nazismo.

Neste sentido, trazemos brevemente a discussão da filósofa e jornalista alemã Hannah Arendt (2002), que alerta quanto à relevância da produção de comunicação de interesse público para a atenuação da situação de esquecimento social – onde similarmente a trajetória de Vilém Flusser encaixa-se. De acordo com a autora, tudo “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos” transforma-se em realidade quando as experiências vividas são desprivatizadas e desindividualizadas, ou seja, quando se tornam “adequadas à aparição pública” e são legitimadas: “Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que . . . elas jamais poderiam ter tido antes”. (Arendt, 2002, p. 60)

### **Narrar biografias – o produto audiolivro**

Por conseguinte, no empreendimento de desindividualizar memórias, trajetórias e legados de Vilém Flusser, de forma a combater o esquecimento social e assim ocupar espaços relevantes na história, tivemos como desafio em nossa pesquisa desenvolver produtos comunicacionais que funcionassem como aliados no percurso proposto.

Motivados pela nossa atuação profissional e por outros interesses de pesquisa, buscamos criar uma literatura embasada na biografia de refugiados - redação e posterior gravação em formato de áudio (audiolivro), o que denominamos como ação editorial de impacto cultural.

Anteriormente de conhecimento e utilização quase que unicamente pelo público deficiente visual, o audiolivro representa uma alternativa de mídia não convencional que está presente na mudança dos hábitos de leitura. A decisão pela sua produção justifica-se com base em vários vieses: sua portabilidade e a consequente possibilidade da multitarefa, o crescimento de sua utilização em âmbito nacional e global, a abertura para outras narrativas

que não a literatura clássica, o aprimoramento da qualidade em sua produção e difusão, a alternativa para o mercado editorial impresso, entre outros. Por conseguinte, esta foi a forma escolhida para exposição dos legados e trajetórias de Vilém Flusser como resultado de nossa ação comunicacional.

Para ampliar a visão sobre o produto, Dalmolin & Maronez (2015) vêm em nosso auxílio para a discussão – aqui breve – sobre o contexto em que se insere o audiolivro:

As tecnologias de gravação e reprodução amplificaram exponencialmente a qualidade do áudio gravado. A acessibilidade e o barateamento dos recursos técnicos destes possibilitaram o surgimento de novos produtores, que . . . podem disponibilizar . . . novos títulos de audiolivros para download ou na nuvem. Os dispositivos móveis e a convergência tecnológica proporcionaram a possibilidade dos(*sic*) audiolivros serem disponibilizados em múltiplas plataformas . . . fazendo com que a leitura de uma obra seja possível . . . com o leitor envolvido no texto no mesmo tempo que desempenha as mais variadas atividades. Essas questões . . . fazem do audiolivro uma das melhores e mais eficazes formas de divulgar o prazer de ler, tanto por deficientes visuais como por aqueles que enxergam normalmente. (Dalmolin & Maronez, 2015, n.p.)

O ser humano aprende o contar de histórias muito cedo e passa sua existência o fazendo, o que promove o estabelecimento de uma relação entre a fantasia e a realidade, de acordo com Jerome Bruner (2014). Conforme o autor, essa experiência propicia melhor compreensão sobre a memória de histórias vividas e sua forma de expressá-las. A ficção, segundo ele, mesmo sem se referir a nada, tem atribuída a função de dar sentido à realidade. (Bruner, 2008, pp. 14-20).

Utilizamos-nos do estudo da biografia de Vilém Flusser e reconstituímos sua trajetória, construindo uma estrutura narrativa ficcional, porém com base em fatos publicados pelos diversos autores que se dedicaram a obras que continham a experiência e as características do pensador. Redigimos o texto que se aproxima do estilo “perfil”, e o nomeamos: *O Professor de Praga*. Este estilo é trabalhado em textos de diversos autores, todavia nos apropriamos das definições de Sergio Vilas Boas (2003).

Para o autor, há nesse estilo uma combinação de cinco fatores imprescindíveis em elaboração de trabalhos autorais: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Esta multidimensionalidade do processo de criação de perfis deve utilizar recursos literários e sua construção deve estar “atada ao sentimento” daqueles que a escrevem. Vilas Boas define ainda que a reflexão sobre a complexidade da vida e dos relacionamentos também deve estar impressa na história: “. . . é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo. . . “ (Vilas Boas, 2003, pp. 18-20).

A redação do audiolivro sobre Flusser, sua família e sua trajetória em Praga e nos outros países em que esteve, foi construída com base nas fontes bibliográficas e em vídeos com entrevistas com Vilém, Edith Flusser, com os amigos Dora Ferreira da Silva (poeta, tradutora, mulher de Vicente Ferreira da Silva, um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Filosofia), e Milton Vargas (engenheiro e professor de Filosofia; responsável pelo convite ao Flusser para lecionar Filosofia da Ciência na Escola Politécnica de São Paulo), entre outros.

Foram utilizadas como fontes para a redação do audiolivro as plataformas e obras a seguir discriminadas:

1. Plataforma Arqshoah: Dados de refugiados no Brasil, trabalho do Núcleo de Estudos Arqshoah, sob responsabilidade do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER – USP);
2. Plataforma do Arquivo Vilém Flusser – SP ([www.arquivovilemflusser.com.br](http://www.arquivovilemflusser.com.br));
3. Outras plataformas sobre Flusser: <http://www.fotoplus.com/flusser/> e <https://www.flusser-archive.org>
4. Hemerotecas digitais e públicas, como as da Fundação da Biblioteca Nacional e do Acervo Público do Estado de São Paulo;
5. Biografias e artigos sobre Flusser e sobreviventes do Holocausto, entre outros:
  - a. *Vozes do Holocausto*, de Maria Luiza Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi;

- b. *Exílio e Literatura – Escritores de Fala Alemã Durante a Época do Nazismo*, de Izabela Kestler;
- c. *Vilém Flusser no Brasil*, de Gustavo Bernardo e Ricardo Mendes (organizadores);
- d. *Olhares de Liberdade*, de Maria Luiza Tucci Carneiro (organizadora);
- e. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, de Vilém Flusser;
- f. *Vilém Flusser: uma introdução*, de Anke Finger, Gustavo Bernardo & Rainer Guldin;
- g. *O drama Saul: diálogo como um princípio descentralizador na obra de Vilém Flusser*, de Eva Batlickova;
- h. *Da língua portuguesa*, de Vilém Flusser;
- i. *Vilém Flusser: uma história do diabo*, de Ricardo Mendes;
- j. *Flusser: um pensador visionário*, de Lucia Santaella.

Já os trabalhos de registro em áudio do texto do audiolivro foram executados pela autora, em estúdio doméstico. Um mapeamento das etapas de gravação também foi elaborado para a pesquisa e seu resumo está abaixo:

Quadro 1 – Resumo Etapas Produção Audiolivro



Fonte: elaborado pela autora

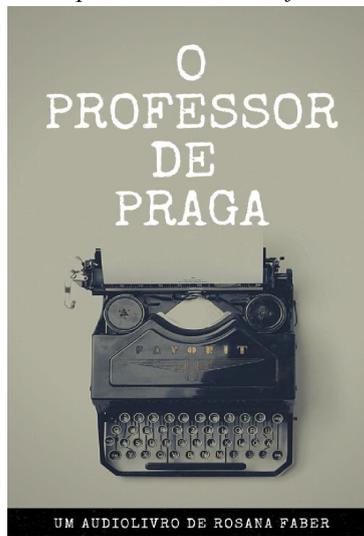
### **Ainda muitos caminhos a percorrer**

O neonazismo reconfigurado e estabelecido está à espreita dos vácuos que o esquecimento ou ignorância sobre a saga de sofrimentos dos refugiados da Segunda Guerra Mundial deixam. A manutenção do acesso à memória desses refugiados, assim como a educação são ações para enfrentamento à repetição dos atos antissemitas praticados desde a antiguidade. Como discutimos previamente, produtos comunicacionais desenvolvidos como forma de divulgação e difusão de relatos de sobreviventes, personagens desse triste momento da historiografia mundial, constituem igualmente relevantes ferramentas para intervenção social.

Faz-se relevante e urgente deslocar para a esfera pública a privacidade das biografias regadas a tristeza e choro, a abandono e desamparo. A memória dos sobreviventes constitui importante elemento cultural que, se compartilhado, pode buscar evitar o ressurgimento ou o fortalecimento daqueles que querem a repetição dos tristes episódios do passado. Ao

utilizarmos produtos comunicacionais inovadores como o audiolivro, retomando esses legados e trajetórias e promovendo sua divulgação, contribuímos com a comunicação de interesse público e corroboramos com a luta contra os comportamentos e atitudes extremistas e xenofóbicas.

Figura 1 – Capa audiolivro *O Professor de Praga*



Fonte: elaborado pela autora

## Referências

Arendt, Hannah. (2002). *A Condição Humana*. Tradução: Roberto Raposo. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ataque foi terrorismo de extrema direita, diz ministra alemã da Justiça. (10 Out 2019). Deutsche Welle, Alemanha. Disponível em: <https://bit.ly/3IVPvMx>.

Bernardo, Gustavo, Finger, Anke & Guldin, Rainer. (2008). *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume.

Brito, Sabrina. (2021). Um século após ascensão de Hitler, neonazismo se espalha pelo Brasil. *Veja Online – Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/3BmdyMz>

BRUNER, Jerome Seymour. (2014). *Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida*. São Paulo: Letra e Voz.

Carneiro, Maria Luiza Tucci (org.). (2018). Olhares de Liberdade. CIP – Espaço de resistência e memória. São Paulo: CIP.

Carneiro, Maria Luiza Tucci & Mizrahi, Rachel (orgs.). (2018) Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah-Brasil: 1933-2017. São Paulo: Mayaanot.

Costa, João Roberto Vieira da (org.). (2006). Comunicação de Interesse Público. Ideias que movem pessoas e fazem um mundo melhor. São Paulo: Editora Blocker Comercial Ltda.

Dalmolin, Aline R. & Maronez, Indira T.(2015). Audiolivro e história das tecnologias de gravação e reprodução sonora: um produto em construção. *In*: 10º Encontro Nacional de História da Mídia (UFSM). Anais [...]. Porto Alegre: Universidade Federal de Santa Maria.

Flusser, Vilém. (2007). *Bodenlos*: Uma Autobiografia Filosófica. São Paulo: Annablume.

Habermas, Jürgen. (2008) Comunicação política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. *Libero*, Ano XI, Nº 21.

Mendes, Ricardo. (2000) Vilém Flusser: uma história do diabo. [Parte integrante de dissertação de Mestrado, ECA-USP]. Disponível em: <https://bit.ly/3lXbpiG> .

NA Alemanha, neonazista suspeito de campanha de ameaças é detido. (2021). Estado de Minas – Internacional (*online*) . Ed. 04 Mai 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3B5ihBV>. ]

Perazzo, Priscila Ferreira. (2009). Prisioneiros da Guerra: os súditos do eixo nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). São Paulo: Humanitas. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Seligmann-Silva, Márcio. (2008). Narrar o trauma, a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. V.20 n.1, p.65-82.

Vilas Boas, Sergio. (2003). Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus Editorial.